

Gnosiologia em Platão e Santo Agostinho

Da caverna a luz interior

Jean Rocha Silva¹

Prof. Ms. Fabiano Santos Julião, OSA²

Resumo

Este artigo investiga o problema do conhecimento da verdade a partir de duas obras da filosofia: *A República* de Platão, com foco no livro VII, a Alegoria da Caverna, e as *Confissões* de Santo Agostinho, com análise dos livros VII e X. O objetivo é compreender, em cada autor, como o ser humano acessa a verdade e, em seguida, realizar uma síntese comparativa que evidencie continuidades e descontinuidade entre os dois pensamentos. A hipótese central sustenta que Agostinho retoma a estrutura epistemológica platônica, a metáfora da luz, o movimento de ascensão e a valorização do inteligível, à luz da fé cristã, substituindo a reminiscência pela iluminação divina e reinterpretando a memória como espaço de encontro com Deus.

Palavras-chave

Teoria do conhecimento. Platão. Santo Agostinho. Iluminação divina. Verdade.

Introdução

A reflexão sobre conhecimento (gnosiologia em grego) ocupa um lugar relevante na história da filosofia, especialmente nas obras de filósofos como Platão e Santo Agostinho. Desde

¹ Aluno do curso de Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de iniciação científica da FAPCOM. E-mail: 251759@sou.fapcom.edu.br

² Professor do curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). E-mail: fabiano.juliao@fapcom.edu.br

a antiguidade a questão referente a natureza e os limites do entendimento humano mobiliza correntes filosóficas sendo de grande importância para estruturar os diversos campos do saber filosófico.

Na obra de Platão, o problema do conhecimento aparece em diversos escritos. Em nosso estudo, vamos nos focar no livro VII da obra *A República*, onde a questão do conhecimento é tratada por meio da alegoria da caverna. Nessa narrativa, Platão descreve a condição humana como um estado de ignorância onde os indivíduos estão presos as aparências sensíveis e apresenta um caminho educativo de ascensão ao conhecimento verdadeiro, isto é, a contemplação das ideias.

Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e a ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo desta estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas. (PLATÃO, 1997, VII, p. 225)

Santo Agostinho, retomando e transformando elementos do pensamento de Platão, elabora a teoria do conhecimento em perspectiva cristã. Podemos ver isso especialmente na obra *Confissões* no livro VII, capítulos 9, 10 e 18, e livro X do capítulo 6 ao 27. Na sua concepção, o conhecimento verdadeiro não limita-se ao esforço humano, mas depende da iluminação divina, na qual Deus torna possível ao homem alcançar a verdade. “Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável” (AGOSTINHO, VII,10).

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a gnosiologia de Platão e a influência dele no pensamento de Santo Agostinho, destacando diferenças e continuidades entre ambos, buscando, então uma compreensão da passagem da ignorância ao conhecimento e o papel da verdade nesse processo.

Enquanto em Platão o conhecimento verdadeiro se realiza como racional e depende do mundo inteligível, em Agostinho ele assume um caráter interior e racional dependente da iluminação divina. Deste modo, a presente investigação pode contribuir para explicar como a filosofia de Agostinho não apenas herda categorias da filosofia antiga, mas as ressignifica à luz da experiência cristã, promovendo uma síntese entre razão e fé, de tal modo que é possível compreender que a busca pela verdade envolve uma dimensão existencial na qual conhecer implica uma transformação do próprio ser.

O artigo se estrutura em três capítulos. O primeiro capítulo aborda o pensamento de Platão concentrando-se no projeto filosófico de *A República* com análise da Alegoria da Caverna. O segundo capítulo analisa os livros VII e X das *Confissões* com especial atenção ao problema do conhecimento. Se conclui com uma síntese comparativa entre os dois pensamentos acerca do como ser humano conhece a verdade, avaliando sua importância filosófica, a continuidade e descontinuidade.

Capítulo I

A República: obra

A República é uma Obra escrita por volta do ano 375 a.C., dividida em dez livros. Ela apresenta um longo diálogo conduzido por Sócrates sobre o problema da justiça: vale a pena ser justo? E, onde se encontra a justiça, na alma do indivíduo ou na organização da cidade? Platão, para responder a estas perguntas, constrói passo a passo o projeto de uma cidade ideal (polis) que seria governada por filósofos, aqueles que por terem contemplado o bem, são os únicos verdadeiramente aptos a governar com justiça (Richard Kraut, 2013 p.15).

A obra não é apenas um tratado político. Ao longo de seus dez livros, *A República* toca uma densa rede de temas: a natureza tripartida da alma, a correspondência entre as partes da alma e as classes da cidade, a crítica à poesia e as artes imitativas e de forma muito relevante a esta pesquisa uma profunda teoria do conhecimento. Como observa Richard Mervyn Hare, “*A República* é uma obra de filosofia política, de psicologia moral e de epistemologia, pois para Platão

a questão de como governar bem pressupõe a questão de como conhecer o bem” (HARE, 2000, p.95).

É essa distinção que funda a hierarquia entre opinião e conhecimento, entre o que aparece e o que é verdadeiro. Os livros VI e VII constituem o núcleo epistemológico da obra, onde Platão apresenta em sequência três grandes imagens filosóficas; a analogia do sol, em que o bem é comparado ao sol como causa de toda clareza, a linha dividida que sistematiza os graus do conhecimento em quatro níveis, e, finalmente a alegoria da caverna o texto que concentra numa única narrativa toda a arquitetura filosófica. É neste último texto que se debruça o presente capítulo.

Contexto e estrutura narrativa da alegoria

A Alegoria da Caverna está inserida no livro VII de *A República* de Platão, o qual é o ponto culminante do projeto epistemológico da obra. Após a analogia do sol e da linha dividida (livro VI), Platão apresenta a alegoria como síntese narrativa de toda sua teoria do conhecimento. O interlocutor é Glauco, irmão de Platão e a voz filosófica é a de Sócrates.

A cena inicial descreve homens que vivem desde a infância acorrentados no interior de uma caverna subterrânea, imobilizados de modo que só podem ver a parede a frente. Atrás deles, uma fogueira, entre o fogo e os prisioneiros, outros homens carregam objetos cujas sombras são projetadas na parede. Para os prisioneiros, essas sombras são a realidade, debatem sobre elas e, também sobre elas constroem todo seu saber.

Considera o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, e caminhar, a erguer os olhos para luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? (PLATÃO, 1997, VII, p.256)

O caminho do prisioneiro liberto ocorre por etapas de adaptação progressiva a luz, primeiro ele vê os reflexos dos objetos, depois os próprios objetos iluminados pelo sol, depois o

céu estrelado a noite e por fim o próprio sol, que reconhece como a causa de tudo o que antes via. Cada etapa representa um desprendimento doloroso de uma familiaridade ilusória, e uma aproximação maior a realidade.

A própria voz de Sócrates oferece a chave da interpretação da alegoria, ou seja, a caverna corresponde ao mundo visível; o fogo interior corresponde ao sol físico; a saída da caverna representa a ascensão da alma ao mundo inteligível; e o sol exterior corresponde ao bem, princípio supremo de toda realidade e de toda inteligibilidade.

Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-la. [...] (PLATÃO.1997, VII, p.228)

Platão distingue quatro estados cognitivos: a imaginação, em que se confundem sombras com realidades; a crença, que é o conhecimento dos seres sensíveis, pertencentes ao domínio da opinião; o pensamento discursivo, que opera com hipóteses e é próprio das ciências matemáticas; e a intelecção pura, o conhecimento filosófico das formas, e, em seu ápice, do bem, único objeto do conhecimento genuíno. (PLATÃO.1997, p. 221-223)

A metáfora da luz é central, assim como o sol físico torna os objetos visíveis e é causa da existência dos seres sensíveis, o bem é o que torna as formas inteligíveis e é causa do ser do mundo inteligível. O bem não é apenas o objeto supremo do conhecimento, é a condição de possibilidade de todo conhecimento, sem a luz nada se vê, sem o bem nada se conhece. Portanto, o conhecimento verdadeiro, não é aquisição de informações sobre o mundo sensível, é a contemplação das formas imutáveis e eternas por uma razão que se libertou das ilusões do sensível. O mundo sensível produz apenas opinião, sempre sujeita a ilusão e a mudança, somente o inteligível é o objeto de ciência e, é para ele que a filosofia deve conduzir a alma. (PLATÃO.1997, p.220-221)

A ascensão da alma e o retorno à caverna

Na alegoria, o processo descrito é o da educação filosófica a Paidéia, que é a condução da alma do sensível para o inteligível, da sombra a luz, da opinião a ciência. Platão chama esse processo de conversão, um voltar-se da alma em direção ao verdadeiro. Não se trata de introduzir na alma algo que ela não possui, mas de orientar para o lugar certo a capacidade de ver que ela já tem.

A educação não é o que alguns proclamam que é, porquanto pretendem introduzi-la na alma onde ela não está, como quem tentasse dar vista a olhos cegos. Mais uma verdade. Ora, o presente discurso demonstra que cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso é que, semelhante a olhos que só poderiam voltar das trevas para a luz com todo corpo, esse órgão deve também afastar-se com toda alma do que se altera, até que se torne capaz de suportar a vista do Ser e do que há de mais luminoso no Ser. (PLATÃO.1997, VII, p.229)

No entanto a educação é compreendida como um processo de orientação da alma para a verdade e para o bem, ou seja, educar não significa transmitir conhecimento a uma alma vazia, mas direcionar a uma capacidade que o ser humano já possui. Dessa forma, a educação torna um caminho de superação da ignorância e de aproximação do conhecimento verdadeiro.

A alegoria não termina com a contemplação do sol, o filósofo que contemplou o bem deve voltar a caverna para educar os outros, mesmo que cause desconforto, ou que os outros prisioneiros o ridicularizem, ou até mesmo que corra o risco de matá-lo. Conhecimento e responsabilidade política para Platão são inseparáveis. Este movimento de descida não pode ser privado, implica uma obrigação para com a comunidade, ou seja, o filósofo não pode permanecer na contemplação individual, ele deve colocar o que viu a serviço da cidade (PLATÃO, 1997, p.255). Agostinho reconfigura essa dimensão pedagógica e política do conhecimento, que a passará para o interior da alma e para relação com Deus.

Capítulo II - *Confissões*, livros VII e X: o problema do conhecimento

Livro VII

As *Confissões* de Santo Agostinho, escrita provavelmente entre 397 e 400 d. C., são uma autobiografia espiritual e ao mesmo tempo uma investigação filosófica sobre natureza da alma, do conhecimento e de Deus. O Livro VII narra um momento muito importante na vida de Agostinho, o contato com os livros platônicos, esses escritos mudaram a forma como ele entendia a realidade, pois Agostinho não conseguia imaginar Deus de outra forma senão como algo físico.

Esse contato foi decisivo para a gnosiologia de Agostinho, ou seja, para o modo como ele entende o conhecimento. Como aponta Brachtendorf, o sétimo livro das *Confissões* apresenta um documento de conexão entre crença e razão, (BRACHTENDORF, 2008, p.125). Ao perceber que existe uma realidade imaterial, Agostinho começou a buscar Deus não fora de si, mas dentro de si mesmo. Ele descreve essa experiência de forma muito viva:

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei, e com os olhos da alma, acima destes meus e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável. Não era essa luz vulgar e evidente a todos com os olhos da carne, ou uma luz mais forte do mesmo gênero. Era como se brilhasse muito mais clara e tudo abrangesse com sua grandeza. Não era uma luz como esta, mas totalmente diferente das luzes desta terra. Também não estava acima de minha mente como o óleo sobre a água nem como o céu sobre a terra, mas acima de mim porque ela me fez, e eu abaixo porque fui feito por ela. (AGOSTINHO.1984. VII, 10, p.186)

Esse trecho Agostinho descreve um momento em que, voltando para dentro de si mesmo, encontrou uma luz diferente de qualquer coisa que os olhos do corpo possam ver. Essa luz não era física, era interior e imutável. Ela não estava do lado de Agostinho, ela estava acima dele, porque foi ela que o criou. Esse é um ponto da gnosiologia agostiniana, o conhecimento verdadeiro não vem de fora, do mundo dos sentidos, mas de dentro, de uma iluminação que vem de Deus. Brachtendorf explica que este movimento segue um esquema neoplatônico: “a subida não leva diretamente dos objetos exteriores ao divino, mas realiza primeiro uma virada para o interior do espírito” (BRACHTENDORF, 2008, p.137). Agostinho retoma esse esquema, mas o transforma ao identificar a luz imutável encontrada na alma com o próprio Deus, o Criador.

Entanto essa experiência de ver a luz não foi suficiente. Agostinho conseguia enxergar onde estava a verdade, mas não tinha forças para permanecer nela. Era como alguém que vê o caminho, mas não consegue andar. Brachtendorf observa que “um lado cognitivo e um lado volitivo da conversão”, mostrando que ver intelectualmente onde está o bem não é suficiente para que o homem o possua (BRACHTENDORF, 2008, p.121). Por isso, Agostinho compreendeu que precisava de algo além da razão, um mediador entre ele e Deus.

Eu buscava um meio que me desse forças para gozar de ti, mas não o encontraria, enquanto não aderisse “ao mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus que acima de todas as coisas é o Deus bendito pelos séculos, e que chama e diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. (AGOSTINHO. 1984. VII,24, p.192)

Para Platão a razão humana quando bem educada e orientada é suficiente para alcançar o conhecimento da verdade. Para Agostinho a razão pode mostrar o caminho, mas sozinha ela não consegue andar até o fim. É preciso a graça, ou seja, a ajuda de Deus. Segundo Brachtendorf (2008) para Agostinho a filosofia é capaz de conduzir o ser humano muito próximo da verdade, mas apenas a fé e a graça divina tornam possível a salvação.

Livro X

O livro X das *Confissões* representa dentro da obra uma mudança, onde Agostinho passa a refletir sobre a ideia de onde encontrar Deus. O primeiro caminho que agostinho investiga é o caminho dos sentidos, ele pergunta tudo que vê, ouve, cheira, saboreia e toca se esses são Deus, as coisas do mundo são belas, mas nenhuma delas é Deus. Então Agostinho olha para dentro de si mesmo e descobre a memória como lugar onde a busca deve continuar.

É grande realmente o poder da memória, bem grande, ó meu Deus. É um santuário imenso, limitado. Quem poderá atingir-lhe a profundidade? E essa força pertence ao meu espírito, faz parte da minha natureza; e na realidade não chego a apreender tudo o que sou. Mas então o espírito é limitado demais para compreender-se a si mesmo? Estará então fora de si mesmo, e não dentro? Então por que não se compreende? (AGOSTINHO. 1984. X,8, p.276)

Agostinho descobre que a memória é muito mais que um simples arquivo de recordações, é um espaço grande e profundo onde a alma guarda não apenas o que viveu, mas também verdades que vão além da experiência dos sentidos. Brachtendor observa em outra obra, o *De Trinitate*, que Agostinho “atribuirá a memória mais uma função, em que ela não apenas uma faculdade da lembrança do mundo sensível e do conhecimento de Deus, mas também lugar de lembrança de nós mesmos, um elemento essencial na teoria agostiniana da autoconsciência” (BRACHTENDORF, 2008, p.219). E dentro desse espaço interior que Deus pode ser encontrado.

Em uma das passagens mais conhecidas do livro X da obra de Agostinho resume sua busca pelo conhecimento.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinha-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiram se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz. (AGOSTINHO. 1984. X, 27, p.295)

Essa passagem mostra o que Agostinho entende por conhecimento verdadeiro. Durante muito tempo ele buscou a verdade olhando para fora, para as coisas belas do mundo. Mas Deus estava dentro dele o tempo todo. Como observa Brachtendorf, “o caminho do homem a Deus conduz do exterior ao interior e do interior para cima” (BRACHTENDORF, 2008, p.124). O conhecimento verdadeiro exige que o ser humano entre em si mesmo, pois é no interior da alma que habita aquela que supera tudo.

Neste contexto, a gnosiologia de Agostinho no livro X aponta não apenas para cima como faz Platão na Alegoria da Caverna, mas também para dentro. A verdade não está em um mundo separado ou distante. Está presente no interior do ser humano como uma luz que esteve sempre acesa esperando que o homem virasse para ela.

Continuidades e discontinuidades entre Platão e Agostinho

Platão quanto Agostinho acreditam que o ser humano pode conhecer a verdade, os dois concordam também que este conhecimento exige uma mudança, ou seja uma transformação do modo de ver e de viver. Em Platão é chamada de conversão da alma, do sensível para o inteligível. Em agostinho também existe, porém passa pelo interior e depende da graça de Deus.

No entanto os dois se afastam em alguns pontos. Para Platão, a razão humana quando orientada pela educação filosófica é capaz de alcançar a verdade por si mesma, já Agostinho a razão mostra o caminho, mas, precisa do auxílio de Deus para percorrê-lo; também em Platão o movimento é de dentro da caverna para fora, de baixo pexiste, pois, Agostinho e da dispersão no mundo exterior para dentro da alma; em Platão a natureza da verdade está no mundo das ideias, em Agostinho está no interior da alma iluminada por Deus e pôr fim a graça em Platão não existe pois a educação filosófica é suficiente, já em Agostinho, sem graça o conhecimento da verdade é impossível.

Essas diferenças não significam que Agostinho rejeitou Platão, ele o leu. O que Agostinho fez foi ir além, levando a filosofia platônica a um ponto que ela sozinha não podia alcançar. Tendo como resultado uma teoria do conhecimento que une razão e fé, e que ainda hoje continua a inspirar o pensamento filosófico.

Portanto esse estudo mostrou que tanto Platão quanto Agostinho acreditavam que o ser humano pode conhecer a verdade, mas cada um de maneiras diferentes. Platão ensinou que é preciso usar a razão para sair do mundo das aparências e chegar ao conhecimento do que é real. Agostinho concordou com muita coisa que Platão disse, mas que não só a razão basta, é preciso também humildade, fé e ajuda de Deus para que o ser humano encontre a verdade. Agostinho foi buscar essa verdade dentro de si mesmo, e lá encontrou uma luz que não era sua, mas de Deus. Os dois nos ensinaram que conhecer a verdade não é só uma questão de estudo, mas de transformação pessoal.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. Revisão cotejada com texto latino por Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984.

BRACHTENDORF, Johannes. Confissões de Agostinho. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARE, Richard Mervyn. Platão. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

KRAUT, Richard. Platão. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

PLATÃO. A República. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

PLATÃO. Diálogos. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

